

APÊNDICE

UMA BREVE HISTÓRIA DO BUDISMO

Transmissão da Índia ao Japão

1. NA ÍNDIA

Quando a “Luz de Ásia” surgiu brilhantemente na Índia Central, foi assinalado um dos maiores acontecimentos que marcaram época na história espiritual da humanidade; ou em outras palavras, quando a Fonte da Grande Sabedoria e Compaixão aí se transbordou, enriqueceu a mente humana, através dos séculos, até os dias atuais.

O Buda Gautama mais tarde conhecido como Sakyamuni ou o “Sábio do clã Sakya” pelos adeptos budistas, abandonou o aconchego do lar, tornou-se um monge mendicante e dirigiu-se rumo a sul até Magadha, onde, presumivelmente nos meados do século V a.C., estando em meditação sob a árvore BO (Bodhi-Ficus Religiosa), alcançou a Iluminação. A partir desse momento começou Sua árdua e difícil missão, continuando-a, incansavelmente, no decorrer de longos quarenta e cinco anos, até a Sua “Grande Morte”, com a qual entrou no Nirvana, pregando a Sabedoria e Compaixão. Após a sua morte, muitos e grandes templos budistas continuaram a aparecer nos reinos e em várias tribos da Índia Central.

Durante o reinado do Rei Asoka (268-232 a.C), o terceiro governante do Reino de Mauria, o ensinamento de Buda Gautama disseminou-se por toda a Índia, chegando mesmo a se propagar para além das fronteiras do país.

O reino Mauria foi o primeiro estado monárquico a se consolidar na Índia. Este reino, no tempo de seu primeiro governador, Candragupta (316 - 293 a.C. aproximadamente) já ocupava um vasto domínio, que se limitava com as montanhas do Himalaia ao norte, ao leste, com o Golfo de Bengala; a oeste, com as montanhas Hindu Kush, e ao Sul, com as montanhas Vindhya. O Rei Asoka expandiu, posteriormente, este domínio até o Planalto do Deccan, conquistando o reino de Kalinga e de outros.

Este rei era tido como muito furioso por natureza e era chamado de Candasoka (o Furioso Asoka) pelo povo; mas seu caráter mudou completamente e ele se tornou um sincero devoto do ensinamento da Sabedoria e Compaixão, após testemunhar as desastrosas devastações causadas pela guerra, na qual Kalinga foi conquistado. Após este episódio, ele fez muitas coisas como crente budista, entre as quais se destacam dois empreendimentos dignos de nota.

O primeiro foi o édito de Asoka, ou os princípios administrativos, baseados no ensinamento budista, gravados em pilares de pedra ou em rochas polidas que ele colocou em numerosos lugares, disseminando assim o ensinamento de Buda. Em segundo lugar, ele enviou missões para todos os lugares, para além do seu reino até outros países, para que levassem o ensinamento da Sabedoria e Compaixão. Especialmente notável é o fato de que algumas dessas missões foram atingir lugares como a Síria, Egito, Quirene, Macedônia e Épiro, disseminando o budismo no mundo ocidental.

Além disso, Mahendra, o embaixador enviado ao Ceilão (Sri Lanka), foi bem sucedido ao “estabelecer o maravilhoso ensinamento nesta bela e tranquila Lankadvip (Ceilão)”, iniciando, assim, a propagação do budismo em direção ao sul da ilha.

2. A AURORA DO BUDISMO MAHAYANA

Referindo-se aos primórdios do Budismo, os budistas de anos posteriores costumam mencionar o “Movimento Oriental do Budismo”, mas a face do budismo esteve, durante muitos séculos antes de Cristo, evidentemente voltada para o ocidente. Foi apenas um pouco antes ou depois do início da Era Cristã que esta face do budismo começou a se voltar para o oriente. Entretanto, antes de falarmos sobre este assunto, devemos falar sobre a grande mudança que ocorria no budismo. Esta mudança nada mais é do que a “Nova Onda”, conhecida como o Budismo Mahayana ou o Grande Veículo do Budismo, que começava a se arraigar e a aparecer como notável elemento no ensino da época.

Quando, como e por quem esta “Nova Onda” foi iniciada? Ninguém ainda pode dar uma resposta definitiva a estas questões. Quanto a isso, apenas podemos dizer que: Primeiro, esta tendência deve ter surgido no seio da escola Mahasanghika e trazida à luz pela maioria dos sacerdotes progressistas da época; segundo, o fato é que já havia alguns fragmentos importantes das escrituras mahayanas, durante o período que vai desde o primeiro ou segundo século a.C até o primeiro

século da Era Cristã. E quando o magnífico pensamento de Nagarjuna, endossado pelas escrituras mahayanas, desenvolveu-se, o budismo mahayana apresentou-se vigorosamente no primeiro plano do palco da história religiosa.

O papel desempenhado pelo budismo mahayana foi muito grande e significativo na longa história do budismo. Assim, o budismo na China e no Japão desenvolveu-se, sofrendo nítidas influências da doutrina mahayana. Isto não parecerá estranho, pois já se desenvolvia um novo ideal para a salvação das massas, considerando os novos santos como Bodhisattvas para por em prática este ideal; e, para ratificar isso, os resultados intelectuais nos domínios metafísicos e psicológicos, trazidos pelos pensadores mahayanistas, foram realmente grandiosos. Desta forma, embora estivesse relacionado à doutrina de Buda Gautama, por outro, muitos novos aspectos da Sabedoria e Compaixão lhe foram acrescentados. Com estes acréscimos, o budismo cresceu em ardor e energia e chegaram a enriquecer os países do leste, como as impetuosas correntes de um grande rio.

3. NA ÁSIA CENTRAL

Foi através dos países da Ásia Central que a China veio a aprender o budismo. Portanto, para se falar da disseminação do budismo da Índia para a China, é necessário que se diga algo sobre a Rota da Seda. Esta rota, aberta durante o reinado do Imperador WU, da Dinastia Han (140 – 87 a.C), atravessava infindáveis territórios da Ásia Central e ligava o

ocidente ao oriente. Por esta época, o domínio de Han se estendia para o oeste, e em países vizinhos como Fergana, Sogdiana, Tokhara e mesmo na Parthia, o espírito mercantilista inspirado por Alexandre, o Grande, ainda estava vigorosamente ativo. Ao longo desta importante rota que passava por estes países, a seda desempenhava o mais importante papel no intercâmbio comercial, daí o nome de Rota da Seda. Pouco antes ou depois do início da Era Cristã, a Índia e a China iniciaram os seus contatos culturais, através desta rota do comércio. Assim, esta rota pode ser considerada também como a rota da expansão do budismo.

4. NA CHINA

A história do budismo chinês tem início na época em que se aceitaram e se traduziram as escrituras budistas. A mais velha obra da qual se tem conhecimento parece ser a “*Ssu-shih-êr-châng-ching*” (O Sutra em Quarenta e Duas Seções Pregado por Buda) feita por Kasyapamatanga e outros durante a era Ying-P’ing (58 – 76 a.D) do Imperador Ming, da Dinastia Han Posterior; mas hoje é considerada como uma duvidosa história legendária. A abalizada opinião dos estudiosos atribui esta tradução a Na-shin-Kao, que era tradutor em Lo-yang, de 148 a 171 a.D., aproximadamente. Desta época até a era da Dinastia Sung Setentrional (960 a 1129 a.D), os trabalhos de tradução continuaram durante quase mil anos.

Durante os primeiros anos, os responsáveis pela introdução e tradução das escrituras foram os monges vindos,

em sua maioria, dos países da Ásia Central. Por exemplo, Na shin-Kao, acima mencionado, veio de Par thia; K'and-sêng- K'ai, originário de uma região da Samarcanda, chegou a Lo- yang, por volta do século III, e traduziu o Sukhavativyuha (o Livro da Vida ilimitada). Além disso, Chufa-hu ou Dharmaraksha, que é conhecido como o tradutor de Saddharmapundarika, veio de Tokhara e se estabeleceu em Loyang ou Ch'ang-na, em fins do século III até os princípios do século IV. Quando Kumarajiva veio de Kucha, no início do século V, os trabalhos de tradução atingiram o seu auge,

Nesta época, os monges começaram a desenvolver suas reais atividades, ao empreenderem viagens à Índia, para estudar o sânscrito e a doutrina budista. O pioneiro deles todos foi o monge Fa-hsien (339 – 420? A.D). Saindo de Lo- yang em 399 a.D, foi à Índia, de onde retornou 15 anos mais tarde. O mais notável desses monges que viajaram até a Índia foi Hsuan-chuang (600 – 664 a.D), que partiu para a Índia em 627 a.D., aí permanecendo durante 19 anos e daí voltou em 645 a.D. Mais tarde, I-ching (635 – 713 a.D.), (não confundir com o livro I-ching) foi à Índia, por mar, em 671 a.D. e regressou pela mesma rota, vinte e cinco anos depois.

Estes monges visitaram a Índia por livre vontade, para aprender o sânscrito e trazer para casa as escrituras por eles escolhidas, e tiveram papel importante nos trabalhos de tradução das mesmas. O mais importante deles foi Hsuan-chuang, cuja notável habilidade lingüística e cujo eficaz e consciente trabalho fizeram com que os trabalhos de tradução das escrituras, na China, alcançassem outro apogeu. As obras

dos primeiros tempos feitas por aqueles representados por Kumarajiva são chamadas as “Velhas Traduções”, e as obras de Hsuan-chuang e dos últimos tradutores são chamadas as “Novas Traduções” pelos estudiosos budistas nos últimos períodos.

Baseando-se nos inúmeros volumes das escrituras budistas que foram traduzidas do sânscrito, a tendência do pensamento e das atividades religiosas desses homens letrados foi pouco a pouco se adaptando à cultura chinesa. Daí a clara manifestação da natureza racial, das necessidades e das esperanças do povo chinês. Os vacilantes ensaios que os monges empreenderam no campo metafísico, em relação à “não-substancialidade” e principalmente no que diz respeito ao Prajna (Sabedoria) dos Sutras, foram uma manifestação desta tendência. Posteriormente, abandonaram a assim chamada “Escola dos Sábios” ou o Veículo Antigo e voltaram sua atenção ao “Mahayana”, o Grande Veículo. Além disso, com a escola Tendai, esta tendência ganhou importância e notabilidade, e com o aparecimento da escola Zen, ela alcançou o seu auge.

A escola Tendai, aperfeiçoada por Tendai Daishi Chih-i (538 – 597 a.D.), seu terceiro patriarca, alcançou a sua plenitude, na China, na última metade do século VI. Tendai Daishi foi um dos mais ilustres vultos do pensamento budista, e sua classificação crítica da Doutrina de Buda em Cinco Períodos e Oito Doutrinas exerceu, durante muito tempo, grande influência sobre o budismo da China e do Japão.

Um meticoloso exame mostrará que, na China, os vários sutras foram trazidos sem a preocupação cronológica de sua origem, e foram traduzidos à medida que chegavam. Diante da grande numerosidade desses sutras, tornou-se problemático saber a sua origem e avaliação. Consequentemente foi necessário considerar o budismo como um todo e mostrar como alguém deveria portar-se de acordo com sua própria compreensão desta doutrina. Quanto à avaliação dos sutras, deve-se levar em conta, antes de tudo, a tendência do pensamento chinês. A avaliação feita por Chih-i foi, acima de tudo, a mais sistemática e a mais persuasiva. Mas moderadamente, com o desenvolvimento do trabalho de pesquisa sobre o budismo, mesmo esta dominante influência parece ter chegado ao fim.

Na história do budismo chinês, a escola Zen foi “a que chegou por último”. Seu fundador foi Sramana, monge de um país estrangeiro, chamado Bodhidharma (523 – 528 a.D.); mas as sementes por ele lançadas floresceram gloriosamente, apenas depois da época de Hui-nêng (638 – 713 a.D.), o sexto patriarca desta escola. Depois do século VIII, a Seita na China teve uma série de talentosos mestres, que fizeram o Zen prosperarem durante vários séculos.

O budismo na China apresentava um novo modo de pensar, que estava profundamente arraigado na natureza de seu povo. Outro não era senão o budismo matizado com o modo de pensar chinês. A doutrina do Buda Gautama, agora acrescida com esta nova corrente, adquiriu mais vigor, tornou-se impetuosa como um grande rio e chegou a enriquecer os países no oriente.

5. NO JAPÃO

A história do budismo no Japão teve início no século VI. A introdução do budismo no Japão verificou-se, pela primeira vez, em 538 a.D., quando o Rei de Pochi (ou Kudara, Coréia) enviou um embaixador para apresentar uma imagem budista e um rolo de sutras à Corte do Imperador Kinmei. A história religiosa do Japão tem, portanto, mais de 1.400 anos.

Nesta longa história, o budismo japonês se prende a três focos. O primeiro deles deve ser situado no budismo dos séculos VII e VIII. Para se atestar essa afirmativa, deve-se fazer referências à construção, que se realizava nesta época, de vários templos como o Templo Horyuji (607 a.D.) e o Templo Todaiji (752 a.D.). Fazendo-se um retrospecto desta época, depara-se com um fato que não deve ser omitido, isto é, o fato de que a maré da cultura surgiu inusitadamente alta através de toda a Ásia. Durante este período, enquanto a civilização ocidental estava mergulhada em profunda escuridão, a oriental desenvolvia um movimento surpreendentemente ativo e magnífico, na China, na Ásia Central, na Índia e nos países dos Mares do Sul, as atividades nos campos intelectual, religioso e no das artes desenvolviam-se vigorosamente. Unindo-se a estes movimentos, o budismo banhava o mundo oriental com sua vasta corrente de humanismo. O novo movimento da cultura japonesa, testemunhado pela construção do brilhante Horyuji e do magnífico Todaiji e pelas atividades religiosas e artísticas que surgiram com estes eventos, é notável por mostrar, no extremo oriente, a brisa da maré cultural que cobria vastas áreas da Ásia.

O povo deste país que, por muito tempo esteve mergulhado na ignorância, agora banhado pela corrente de uma grande cultura e civilização, desenvolveu-se de repente, tal foi a reviravolta da boa fortuna que favoreceu o povo deste país nestes séculos. E o principal fator, responsável pelo surgimento desta cultura, outro não foi senão o budismo. Conseqüentemente, os templos budistas da época tornaram-se centros de brilhantes culturas, e os monges foram os líderes deste novo saber. Aí se desenvolveu uma grande cultura mais propriamente que uma religião. Este era o estado em que se encontrava o budismo, nos primórdios de sua introdução no país.

No século IX, dois grandes mestres, Saicho (Dengyo Daishi, 767 – 822) e Kukai (Kobo Daishi, 774 – 835), apareceram em cena e fundaram duas escolas budistas que, juntas, são conhecidas como o Budismo Heian. Com isso se estabeleceu definitivamente o budismo japonês. Eles adotaram o budismo em seu estado e práticas originais, e fundaram mosteiros no Monte Hiei e no Monte Koya respectivamente. Durante três séculos depois de sua fundação até a Era Kamakura, estas duas denominações esotéricas – Tendai e Shingon – prosperaram principalmente entre os aristocratas e nas cortes imperiais.

O segundo foco deve ser situado no budismo dos séculos XII e XIII. Nesta época, o Japão produziu grandes e ilustres mestres, como Honen (1.133 – 1.212 a.D.), Shinran (1.173 – 1.262 a.D.), Dogen (1.200 – 1.253 a.D.), Nichiren (1.222 – 1.282 a.D.), e outros mais. Mesmo hoje, quando se fala do Budismo japonês, são imprescindíveis que se men-

cionem os nomes destes grandes mestres. Por que somente estes séculos em questão produziram tão notáveis instrutores? Foi pelo fato de terem enfrentado um problema comum. E qual foi este problema comum? Este problema surgiu, talvez, porque o budismo tenha sido aceito na maneira japonesa de pensar. Isto nos leva à indagação “Por quê? Não era certo que o budismo foi aqui introduzido muito tempo antes desta época?” Assim é historicamente. Mas também é verdade que foram necessários vários séculos para que o povo japonês pudesse sistematizar e remodelar esta religião importada e fazê-la completamente sua.

Em síntese, foi a partir dos séculos VII e VIII que se iniciaram os movimentos para a aceitação do budismo, e como consequência desses esforços e pela influência dos mestres dos séculos XII e XIII, a aceitação do budismo se completou.

Depois disso, o budismo japonês, firmado sobre o alicerce construído por aqueles ilustres mestres, mantém suas glórias até os dias atuais. Desde a época em que apareceram aqueles notáveis instrutores, a história do budismo japonês não mais conheceu mestres da têmpera daqueles já mencionados. Entretanto, há um fato que atrai a nossa atenção e que é o fruto da pesquisa sobre o budismo original feita nos tempos modernos.

Desde a época de sua aceitação, o budismo japonês foi, de modo geral, o budismo mahayana influenciado pelo budismo chinês. Especialmente, depois do aparecimento dos grandes mestres nos séculos XII e XIII, a doutrina mahayana

formou a principal corrente, tendo os fundadores de seitas como seu centro difusor, assim continuando até hoje. Na história do budismo japonês, o estudo do budismo original começou, aproximadamente, depois da Era Meiji. A figura do Buda Gautama reapareceu brilhantemente diante daqueles que se esqueciam do fato de que houve um fundador do budismo, ao lado dos fundadores de escola, e isso se tornou claro para aqueles que nunca deram atenção a nada a não ser à doutrina mahayana, e que se esqueciam de que havia também um credo na esfera de saber escolástico e ainda não estão fortes bastantes para despertar um entusiasmo religioso. Mas o conhecimento do povo japonês em relação ao Budismo parece, finalmente, estar atingindo uma grande reviravolta. É intenção do autor deste artigo considerar esta fase como a última dos três focos acima referidos.

A PROPAGAÇÃO DA DOCTRINA DE BUDA

O budismo é uma religião que se baseia nos ensinamentos que Sakyamuni pregou, durante 45 anos de sua vida. As palavras que usou em sua pregação têm, portanto, absoluta autoridade nesta religião e, não obstante o fato de que há 84.000 dharmas e um grande número de escolas, nenhum deles deixa de se relacionar com as escrituras de Sakyamuni. Os livros em que foi registrado o ensinamento de Buda são conhecidos como “Tripitaka”, isto é, a completa coleção das sagradas escrituras.

Sakyamuni, enfaticamente, advogou a igualdade entre os homens e pregou o seu ensinamento empregando palavras simples, claras e de uso corrente, para que todos pudessem facilmente entendê-las. Continuou a sua pregação em benefício de multidões de pessoas, até o último minuto de sua vida, aos 80 anos de idade, sem perder um dia durante este longo tempo.

Depois da morte de Sakyamuni, seus discípulos pregaram a mensagem, de acordo com o que ouviram. Entretanto, como a doutrina era transmitida e recontada, poderiam ter ocorrido algumas variações, devido aos inconscientes erros por parte dos discípulos, quanto àquilo que pensaram ter ouvido ou entendido. Contudo, as palavras de Sakyamuni devem ser sempre transmitidas precisa e corretamente, e as oportunidades de ouvir o ensinamento devem ser proporcionadas indiscriminadamente a todos os homens. Portanto, muitos antigos mestres se reuniram com o propósito de

retificar e consolidar as palavras e o ensinamento, cada um expondo aquilo que julgou ter ouvido, e assim passavam meses em discussão. O trabalho resultante dessas reuniões foi chamado de Concílio ou Compilação. Isto demonstra quão pia e deliberadamente tentaram transmitir as verdadeiras palavras, proferidas pelo grande mestre.

O ensinamento, assim retificado, veio a ser escrito. À doutrina registrada em forma escrita foram acrescentados vários comentários e interpretações feitos pelos esclarecidos mestres dos últimos tempos. Estes acréscimos são conhecidos como Abidharma ou comentários. O ensinamento de Buda, os comentários a ele anexados posteriormente e os preceitos budistas são chamados em sânscrito de Tripitaka (As Três Seções das Escrituras Budistas).

O “Tripitaka” inclui o “Sutra-Pitaka”, o “Vinaya-Pitaka” e o “Abhidharma-Pitaka” : a palavra Pitaka significa um receptáculo; Sutra designa os sermões de Buda. Vinaya designa os preceitos da Fraternidade Budista; e o Abhidharma compreende os comentários escritos pelos ilustres instrutores.

Quase todas as escolas mantêm seus próprios Cânones, mas a única coleção completa que sobreviveu aos dias de hoje é aquele escrito em páli, que pertence à tradição Theravada. O Cânone Páli, como é conhecido, tem tido um papel importante como a fonte comum de escrituras entre os países budistas do sul e sudeste asiático.

Segundo a tradição, o budismo foi introduzido na China em 67 a.C., durante o reinado a Ming, da Dinastia Han Posterior (25 – 220 a.D.). Mas na realidade isto ocorreu 84 anos mais tarde, quando as escrituras budistas foram introduzidas e traduzidas na China, em 151 a.D., pelo Imperador Huan, da Dinastia Han Posterior. Como o Budismo Mahayana já havia se estabelecido na Índia naquele período, ambas as escrituras, tanto do Budismo original, como do Mahayana, foram transmitidos na China sem qualquer distinção. A partir desse momento, os trabalhos de tradução das escrituras para o chinês prosseguiram por um período superior a 1.700 anos. As obras assim traduzidas alcançaram a cifra de 1.440 escrituras em 5.586 volumes. Os esforços para a conservação destas escrituras traduzidas começaram a ser feitos na Dinastia Wei, mas foi aproximadamente na época da Dinastia Setentrional de Sung, que a sua impressão teve início. Entretanto, a partir dessa época, as obras dos grandes sacerdotes da China começaram a ser anexadas às escrituras budistas, e não era mais apropriado chamar estes livros de Tripitaka. Estes livros, na Era Sui, receberam o nome de “Isaikyō” (Coleção Completa de Todas as Escrituras Sagradas), e na Era Tang, foram chamados de “Daizokyo” ou a coletânea de todas as escrituras, leis e tratados budistas.

No Tibete, o budismo foi introduzido, por volta do século VII a.D. e, por um período de 150 anos (séculos IX e XI a.D.), desenvolveram-se os trabalhos de tradução das escrituras budistas, conseguindo-se que a maioria destas escrituras fosse traduzida nesta época.

Diante do fato que as escrituras tenham sido traduzidas não só para o coreano, japonês, singalês, cambojano, turco e quase todas as línguas orientais, mas também, para o latim, francês, inglês, alemão e italiano, pode-se, com convicção, dizer que a benção do ensinamento de Buda se espalhou por toda a parte do mundo.

Diante da história do desenvolvimento e vicissitudes desta religião, durante mais de 2.000 anos e diante do fato de que mais de dez mil traduções de livros tenham sido feitas, mesmo assim nos parece ainda difícil apreender o verdadeiro significado das palavras proferidas por Sakyamuni, mesmo com o auxílio das escrituras Completas. É, portanto, indispensável que se selecionem os pontos essenciais das Escrituras e deles fazer o critério ou sobre o qual cada um deve basear a sua própria fé na religião.

As palavras proferidas por Sakyamuni são as supremas autoridades no budismo. Por isso, o ensino do Budismo deve ser o ensino daquilo que está intimamente relacionado às realidades da nossa vida cotidiana; se assim não for, ele não conseguirá despertar nos homens a crença nestes ensinamentos. Assim, é desejável que o ensinamento seja claro, simples e imparcial em sua qualidade, suficiente para representar o todo e ainda assim, correto e familiar, quanto ao uso de palavras de uso corrente na vida diária.

Este livro veio a lume, herdando a tradição das Escrituras com sua história de mais de 2.000 anos. Certamente que ele não pode ser considerado perfeito em seu conteúdo. As

palavras de Buda têm significados infinitamente profundos e Suas Virtudes são tão vastas que não podemos avaliá-las facilmente.

Desejamos, sinceramente, que este livro se aperfeiçoe com as futuras edições revisadas, para que se torne mais verdadeiro e mais valioso.

HISTÓRIA DE “A DOCTRINA DE BUDA”

O presente texto Budista completou-se com a revisão e compilação da edição original japonesa do “Newly Translated Buddhist Text” publicado, em julho de 1925, pela “Association of Spreading” “Newly Translated Buddhist Text”, presidida pelo Rev. Muan Kizu. Esta primeira edição japonesa foi compilada pelo Dr. Shugaku Yamabe e pelo Dr. Chizen Akanuma, em cooperação com muitos eruditos budistas do Japão, e levou quase cinco anos para ser publicada.

Na Era Showa (1926), a “Edição Popular do Texto Budista”, em japonês, foi publicada pela “Association” e difundiu-se largamente pelo Japão.

Em julho de 1934, quando teve lugar, no Japão, a Assembléia Pan-Pacífica da Juventude Budista, “A Doutrina de Buda”, em tradução inglesa da “Edição Popular do texto Budista”, foi publicada pela “All Japan Buddhist Youths’ Federation”, sob a assistência do Sr. D. Goddard. Em 1962, em comemoração ao 70º. – aniversário da introdução do budismo na América, o Sr. Yehan Numata, Presidente da Mitutoyo Company, publicou outra edição em inglês de “The Teaching of Buddha”.

Em 1965, quando o Sr. Numata fundou, em Tóquio, a “Buddhist Promoting Foundation”, planejou, como uma das atividades desta Fundação, a popularização deste texto inglês em todo o mundo.

Para levar a cabo este plano, foi organizada, em 1966, uma comissão para revisar e compilar a “The Teaching of Buddha”. Esta comissão foi constituída pelos seguintes membros; Professores Kazuyoshi Kino, Shuyu Kanaoka, Zenno Ishigami, Shinko Sayeki, Kodo Matsunami, Shojun Bando e Takemi Takase. Ainda trabalharam na revisão os senhores N. A. Waddell e Shunsuke Shimizu. Assim, uma edição em inglês-japonês da “The Teaching of Buddha” foi publicada em um novo estilo.

Em 1972, os professores Shuyu Kanaoka, Zenno Ishigami, Shoyu Hamayama, Kwansei Tamura Takase corrigiram os erros, revisaram e recopilaram o texto.

Novamente, em 1974, para corrigir as inadequadas e descuidadas expressões na versão inglesa do texto, sob orientação do Sr. R. K. Steiner, os professores Shojun Bando, Kodo Matsunami, Shinko Sayeki, Kwansei Tamura, Doyu Tokunaga e Shoyu Hanayama (Editor Chefe) revisaram o texto. Assim, saiu do prelo a atual edição em inglês-japonês de “The Teaching of Buddha”.

Em 1978, os professores Shigeo Kamata e Yasuaki Nara passaram a fazer parte do Comitê. Então, em 2000, a compilação foi reconstituída com a participação dos seguintes membros: Professores Zennÿ Ishigami, Yasuaki Nara, Kyÿdÿ Matsunami, Shÿjun Bandÿ, Kenneth Tanaka, Shÿgo Watanabe, Yoshiyasu Yonezawa e Sengaku Mayeda (Editor Chefe Substituto).

Dezembro de 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

<i>A Vida Humana</i>	Pág.	§
O significado da vida humana	5	3º
Uma correta noção da vida humana	41	3º
Errôneos pontos de vista da vida humana	44	6º
As cinco coisas irrealizáveis	48	4º
As quatro verdades neste mundo	48	6º
A ilusão e a Iluminação originam-se na mente	49	3º
A vida preconceituosa	57	3º
A vida de luxúria e paixão (fábula)	90	2º
A vida do homem (fábula)	90	4º
A inexorabilidade da morte (estória)	94	4º
O estado real deste mundo	96	5º
Os que vivem em ilusão (fábula)	127	1º
As vinte dificuldades do bem viver	133	2º
Meios ideais do viver	249	7º

A Fé

Fazei de vós mesmos		
uma luz, confiai em vós mesmos.....	10	5º
A morte e a transitoriedade da vida	12	6º
Buda não tem corpo físico	13	6º
A grande compaixão de Buda	115	1º
eterna compaixão de Buda	16	2º
O uso de fábulas por Buda para salvar os homens	19	1º
O uso de fábulas por Buda para salvar os homens	20	1º
Buda ensina através de Sua vida	23	6º
Buda persuade os homens através da alegoria da vida e da morte	23	6º

A profunda Sabedoria de Buda	34	3º
Buda, Pai de todo o mundo e de todos os homens	35	4º
Os que entendem as Quatro Nobres Verdades	39	4º
As paixões ocultam a natureza de Buda	73	4º
A busca da verdade é tão difícil quanto é impossível aos cegos descrever, com exatidão e pelo tato, a forma de um elefante (fábula)	75	2º
O verdadeiro preceito mostra onde existe a natureza de Buda (fábula)	77	5º
Os que recitam o nome de Buda Amida renascem em Sua Terra de Pureza.....	113	1º
Aprendendo a conservar os preceitos, praticar a concentração mental e agir sabiamente	163	4º
Os oito Nobres Caminhos	166	3º
Os quatro pontos a serem considerados	167	9º
As cinco faculdades que nos levam à Iluminação	168	3º
Os quatro corretos procedimentos	168	2º
Os seis caminhos que levam à outra praia da Iluminação	168	4º
Os quatro ilimitados estados da mente	171	2º
Dharma e Samgha: condições para se tornar devoto de Buda.....	177	3º
A fé é um fogo	178	7º
Os três significantes aspectos da fé	180	2º
A fé e a mente sincera	180	4º
Coisa notável é a fé	181	3º
As dúvidas obstam a fé	181	7º
O mundo da Iluminação	251	3º

O Controle da Mente

Não permita que a mente o domine	10	5º
Nada cobice	10	6º
A importância de se controlar a própria mente	11	3º
Seja senhor da sua mente	11	4º
Os que entendem e seguem o Nobre		
Caminho não vivem nas trevas	40	3º
A mente não é ego-pessoa	46	5º
Os males provêm do corpo, língua e da mente	87	2º
Os vários estados da mente (fábula)	118	3º
Os homens são controlados por suas mentes	121	5º
Controle a sua mente e viva feliz	122	1º
Conserve puros o corpo, a língua e a mente	123	4º
Conserve sua mente imperturbável, mesmo sob condições insatisfatórias (estória)	124	5º
A relação mente/palavras	125	3º
O corpo físico está cheio de impurezas	130	5º
Cuidados a serem tomados nos primeiros passos	133	1º
Este corpo é uma coisa tomada por empréstimo	143	2º
Deve-se discernir o que é de maior importância para si próprio (parábola)	150	2º
Nunca se esquecer do propósito assumido (parábola)	152	3º
Conquiste a sua mente	154	2º
O êxito em tudo está no suportar bravamente as dificuldades (estória)	158	2º
Os preceitos para o bem viver se encontram em toda a parte (estória)	162	2º

Seja e sempre tente ser imparcial (estória)	172	3º
Seja forte, mesmo diante de inúmeros reveses (estória)	172	5º
Controle a sua mente em primeiro lugar	212	1º

O Sofrimento Humano

Como evitar os sofrimentos	13	3º
Não se apegue à casa que se incendia (fábula)	19	4º
Os sofrimentos humanos surgem da mente de apego.....	42	6º
A ilusão e a ignorância são as fontes de Iluminação	59	4º
Este mundo se consome em chamas	82	5º
A luxúria é a grande fonte de ilusão	85	5º
A luxúria é como a víbora oculta nas flores.....	85	6º
Como se livrar dos sofrimentos.....	116	1º
A paixão é fonte dos males	118	3º
A busca da fama e honrarias prejudica o homem	119	4º
A busca da riqueza e da luxúria arruína o homem	119	5º
Os sábios e os tolos se diferenciam em suas naturezas fundamentais	134	2º
Os tolos ignoram os seus erros (fábula).....	141	1º
Os tolos invejam a boa fortuna de outrem, desprezam o trabalho, almejando apenas os resultados	141	2º
Extinto o quente fogo da paixão, atingi-se a refrescante Iluminação	141	4º

O Viver Diário

Variedades de caráter dos homens	89	2º
Os alimentos e as roupas não se destinam ao conforto ou ao prazer	117	1º
Não se perturbe com as críticas alheias (estória)	122	4º
O infortúnio se abate sobre quem alimenta desejos de vingança	132	2º
Como surge a felicidade	132	3º
Nunca se esquecer da gentileza recebida (estória).....	139	1º
Como se enriquecer (estória)	145	3º
Faça oferendas e delas se esqueça	169	5º
Não se deve viver para se vestir, comer ou para se abrigar.....	205	4º
O que se deve pensar no viver diário	206	4º
O que se deve pensar ao se vestir	207	4º
O que se deve pensar ao comer.....	208	3º
O que se deve pensar ao se sentir calor e frio	208	4º
O que se deve pensar ao se deitar	208	7º
Como dominar os ressentimentos (estória)	246	3º

Economia

Como se enriquecer (estória)	145	3º
Nada nos é de posse perpétua	220	6º
O uso adequado das coisas (estória)	221	3º
Ninguém deve acumular coisas para o bem egoístico	227	2º

A Vida em Família

Fatos prejudiciais à família	213	4º
O amor filial.....	214	3º
O relacionamento marido/mulher	214	5º
Como pagar a grande dívida de gratidão para com os pais	218	2º
Família: local de inter-relacionamento de seus membros.....	218	4º
Marido e Mulher devem professar a mesma fé (estória).....	224	3º

O Caminho dos Irmãos sem Lar

Os irmãos sem lar não são os herdeiros do tempo e sua propriedade.....	194	1º
Os cobiçosos não podem ser verdadeiros monges.....	194	2º
A vida que um irmão sem lar deve levar	196	2º
O simples trajar os hábitos do monge e recitar os sutras não fazem um irmão sem lar	197	3º

A Vida Comunitária

O estado real das comunidades neste mundo	96	5º
Respeitar a velhice (estória).....	134	5º
Os invejosos e os briguentos caem em desgraça (fábula)	140	2º
Os que conturbam a lei ou a ordem caem em desgraça (fábula)	140	4º
Fatos com os quais devem se preocupar aqueles que desejam ensinar o Dharma.....	209	2º
O Inter-relacionamento aluno/professor	214	3º

As regras da camaradagem	215	2º
O inter-relacionamento amo/criado	215	4º
Como escolher bons amigos	215	5º
Atitude perante os criminosos.....	228	6º
A grande luz que ilumina as trevas	240	3º
O significado da vida comunitária	241	5º
Os três tipos de organização	241	7º
A verdadeira vida comunitária	242	3º
A harmonia nas relações humanas	242	6º
O ideal da Fraternidade	243	2º
Fatos que levam a organização social à harmonia	244	2º
O ideal social dos adeptos budistas	251	1º

GLOSSÁRIO SÂNSCRITO

(Ordem Alfabética)

ANATMAN (Negação do ego):

Este é um dos pontos mais fundamentais do Budismo. Toda existência e fenômenos neste mundo não têm, afinal, nenhuma realidade substancial. É muito natural ao Budismo, que advoga a impermanência de toda a existência, insistir em que uma existência impermanente não possa possuir em si nenhuma perene substância. Esta palavra pode ser também traduzida por Não-alma. (Algo diferente do espírito ou alma; algo destituído de espírito ou mente).

ANITYA (Transitoriedade ou Impermanência):

Eis outro ponto fundamental no budismo. Toda existência e fenômenos neste mundo estão constantemente mudando e não permanecem iguais, mesmo por um momento sequer. Tudo tem que morrer ou acabar em um dia do futuro, e esta perspectiva é a verdadeira causa do sofrimento. Este conceito não deve, entretanto, ser interpretado apenas do ponto de vista pessimista ou niilista, porque o progresso e a reprodução são também manifestações desta constante mudança.

BODHISATIVA (Aquele que se empenha para alcançar a Iluminação)

Originariamente, este nome foi usado para se referir a Gautama Sidharta, quando ele ainda não havia alcançado a Iluminação. Depois, com o surgimento do budismo mahayana, este nome passou a designar todos aqueles que se

esforçavam em atingir o estado de um Buda (a perfeita sabedoria). Finalmente, mesmo aqueles que tentavam conduzir os outros ao reino de Buda por meio de sua grande compaixão, enquanto eles próprios buscavam este mesmo objetivo, foram simbolicamente personificados como Bodhisattvas. Assim, para citar apenas os mais conhecidos Bodhisattvas, dentre muitos, destacamos estes: Avalokitesvara (Kwannon), Ksitigarbha (Jizo), Manjusri (Mon-ju).

BUDDHA (O Iluminado)

Buddha significa “o sábio, o iluminado, o homem que adquiriu o perfeito conhecimento da verdade e que, por causa disso, libertou-se de todo e qualquer apego à existência, revelando a todos os métodos de alcançar esta Iluminação, antes de sua própria entrada no Nirvana”. Assim aconteceu com Sakyamuni, o fundador do budismo, que era chamado de Gautama Siddharta até a época em que alcançou a Iluminação, fato que se deu, quando contava 35 anos de idade, há aproximadamente 2.500 anos, na Índia. O objetivo final de todos os budistas é, independentemente da escola ou corrente a que pertencem, tornar-se um Buda. Por causa da diferença de meios empregados para alcançar esse estado, o budismo foi dividido em várias seitas e escolas. No budismo mahayana, ao lado do histórico Buda Sakyamuni, muitos outros Budas são, geralmente, aceitos como símbolos da doutrina budista; dentre eles, citamos: Amitabha (Amida), Mahavairocana (Dainichi), Bhaisajyagur (Yakushi), etc. Influenciado pelo conceito de Terra Pura do Budismo no Japão (tornar-se um Buda depois do renascimento na Terra Pura),

diz-se que todos aqueles que morreram são usualmente chamados “Buddhas” ou “Hotoke”, em japonês.

DHARMA (A Verdadeira Doutrina – Preceitos éticos do budismo)

São preceitos ensinados por Buda, O Iluminado. Há três tipos de cânones nestes preceitos, a saber: Sutras (o principal dharma ensinado pelo próprio Buda), Vinayas (código de disciplina dos monges transmitido por Buda), e Abhidharmas (comentários e discussões sobre os Sutras e Vinayas feitos pelos sábios de épocas posteriores). Estes três tipos de cânones constituem aquilo que se chama de Tripitaka. Dharma é uma das Três Jóias do budismo.

KARMAS (Ações)

Embora o significado original desse termo tenha sido simplesmente “ações”, ele passou, com relação à teoria da casualidade, a ser considerado como uma espécie de força latente, potencial, resultante dos atos perpetrados no passado. Isto é, cada um de nossos atos resulta, dependendo da sua natureza, no bem ou no mal, em sofrimento ou prazer, influenciando poderosamente nossas vidas futuras, e é considerado o nosso carma. Acredita-se que a força potencial das boas ações, quando reiteradas, e da benevolência, quando acumulada, exercerá uma benéfica influência sobre nossas vidas futuras. Este conceito abrange três tipos de ações: física, oral e a mental.

MAHAYANA (O Grande Veículo):

No decorrer da história do budismo, apareceram duas principais correntes de pensamento: Mahayana e Theravada (ou Hinayana). O budismo mahayana espalhou-se pelo Tibete, China, Coréia, Japão, etc., enquanto o budismo theravada (Veículo Menor) difundiu-se por Ceilão, Tailândia, etc. O termo Mahayana significa “Grande Veículo”, e esse budismo considera todos os seres sofredores deste mundo de nascimento e morte, e pode conduzir a todos, sem qualquer discriminação, à Iluminação.

NIRVANA (A Perfeita Tranquilidade):

Literalmente, este vocábulo significa “apagar, extinguir”. Este é o estado a que se chega, quando, através das práticas e meditação baseadas na Sabedoria Correta, extinguem-se completamente toda a corrupção e paixões mundanas. Aqueles que conseguiram atingir esse estado são chamados Budas. Gautama Siddharta atingiu esse estado e se tornou um Buda, aos 35 anos de idade. Entretanto, acredita-se agora que tenha alcançado tal estado de perfeita tranquilidade, somente após a sua morte, pois algum resíduo da corrupção humana sempre existe, enquanto existir o corpo físico.

PALI (Língua):

Esta é a língua usada no Budismo Theravada. Acredita-se que os mais antigos cânones budistas tenham também sido escritos nesta língua, assemelhando-se ao pracrito, um

dialeto de sânscrito; exemplificando: Dharma, em sânscrito. Dhamma, em Pali; Nirvana, em sânscrito, Nibbana, em Pali.

PARAMITA (Passar Para a Outra Margem):

“Passar para a outra margem” significa alcançar a Terra de Buda, por meio de prática de várias disciplinas budistas. Para se transpor este mundo de nascimento e morte e atingir o mundo da Iluminação, usa-se comumente, a prática destas seis disciplinas: Caridade, Moralidade, Paciência, Diligência, Concentração e Correto Julgamento (ou Sabedoria). Os tradicionais festivais Higan, realizados, na primavera e no outono, no Japão, derivam-se deste conceito budista.

PRAJNA (Sabedoria):

O Prajna é um dos seis paramitas. É a função mental que nos capacita a compreender sem erros a vida e a distinguir entre o que é verdadeiro e o que é falso. Aquele que adquiriu perfeitamente esta prajna é chamado de um Buda. Ela é, portanto, a mais apurada e a iluminada sabedoria e é muito distinta da ordinária inteligência humana.

SAMGHA (A Fraternidade Budista):

Consiste este samgha de monges, monjas, leigos e leigas. Primitivamente, ela consistia apenas de monges e freiras desabrigados. Mais tarde, com o advento do movimento mahayanista, todos aqueles que almejavam o estado de um

bodhisattva, leigos ou monges, reuniam-se em uma Fraternidade, que é um dos Três Tesouros do budismo.

SAMSARA (Ciclo de Renascimento):

É a perpétua repetição do nascimento e morte, desde o passado até o presente e o futuro, através dos seis ilusórios reinos: Inferno dos Demônios Famintos, dos Animais, Asura ou Demônios Belicosos, Homem, e da Bem-Aventura. A menos que se adquira a perfeita sabedoria ou que seja iluminado, não se poderá escapar desta roda da transmigração. Aqueles que estão livres desta roda de transmigração são considerados Budas.

SÂNSCRITO (Língua)

O sânscrito é a língua literária clássica da antiga Índia e pertence à família Indo-Européia. Divide-se o sânscrito em: Védico e Clássico. As escrituras da tradição mahayana foram escritas nesta língua, cujo estilo é conhecido como sânscrito híbrido budista.

SUNYATA (A Não-Substancialidade):

É o conceito, um dos pontos fundamentais do budismo, segundo o qual nada tem substância ou é permanente. Desde que tudo depende da casualidade, não pode haver nenhum ego permanente como substância. Mas não se deve prender ao conceito pelo qual tudo tem substância, nem àquele que o nega. Todo o ser, humano ou não-humano,

guarda uma relatividade. Portanto, será tolice sustentar certa idéia, conceito ou ideologia como única e absoluta. Esta é a principal tendência que se verifica nas Escrituras de Sabedoria do Budismo Mahayana.

SUTRA (Escrituras Sagradas):

Os sutras são os tratados em que se acham registrados os ensinamentos de Buda. Este termo, originalmente, significava “linha”, com a qual, selecionando-se os assuntos, elaborava-se compêndio, “fazendo-a passar” por uma vasta quantidade de estudos em religião ou ciência. É uma das partes do Tripitaka.

THERAVADA (Os Patriarcas Anciãos):

A escola meridional do budismo é geralmente conhecida com a denominação Theravada. “Thera” significa os anciãos. Esta é a escola dos mais velhos que, historicamente, foi um grupo de monges conservadores que advogavam a estreita lealdade aos preceitos, opondo-se a outro grupo de monges mais liberais que progressistas (cujas idéias formaram o pensamento mahayana, característica da escola do norte). Estas tendências oposicionistas, na seita do budismo, tiveram início em tempos remotos, poucos séculos depois da morte de Buda, quando Mahadeva, um monge progressista, insistiu sobre a livre interpretação dos sutras, de acordo a cisão entre Theravada e Mahasamghika, que constitui a origem do posterior budismo mahayana.

TRIPITAKA (Os Três Vasos):

Os três ramos das escrituras Budistas (Dharma) constituem aquilo que se chama Tripitaka. São: Sutras, que contêm os ensinamentos de Buda; Vinayas, que contêm as suas disciplinas; e Abhidharmas, que encerram vários comentários e ensaios sobre as doutrinas e preceitos budistas. Mais tarde, vários documentos escritos por grandes instrutores chineses e japoneses foram incluídos nos cânones budistas.

DHAMMAPADA

A vitória provoca o ódio; o vencido vive na angústia. O pacato vive feliz, não se preocupa com a vitória ou com a derrota. (Dhammapada, 201).

A gula é um grande mal, o corpo também o é; conhecendo-os como realmente são o sábio alcança a felicidade suprema. (Dhammapada, 203).

Cortai os vossos desejos ardentes, como as outonais flores de lótus. Cultivai o verdadeiro caminho da Paz. A suprema felicidade é proporcionada pelo Abençoado. (Dhammapada, 285).

Difícil é nascer como homem, difícil é viver como mortal, difícil é ouvir a Sublime Verdade, e mais difícil é ver Buda. (Dhammapada, 182).

Difícil é encontrar um verdadeiro homem. Ele não nasce em toda parte. Onde tal homem nasce, a família próspera feliz. (Dhammapada, 193).

Feliz é o nascimento de um Buda, venturoso é o ensino da Nobre Doutrina, venturosa é a unidade da Samgha, e auspiciosos são os esforços desta fraternidade. (Dhammapada, 194).

ANGUT TARA NIKAYA

(O Livro dos Ensinamentos Progressivos)

Monges, há uma pessoa, cujo nascimento neste mundo é para o bem-estar e felicidade de muitos: aquela que nasce com a compaixão pelo mundo, pelo benefício, bem-estar e pela felicidade dos seres sagrados e da humanidade. Quem é esta pessoa? É um Tathagata que é Arahant, o perfeitamente Iluminado. Este, monges, é a pessoa.

Monges, a manifestação de uma pessoa é difícil de ser vista no mundo. De que pessoa? De um Tathagata que é Arahant, o perfeitamente Iluminado. Ele é a pessoa.

Ó monges, difícil é encontrar no mundo uma pessoa tão extraordinária. Que pessoa? Um Tathagata (quem surgiu primeiro – Gautama Buda) que é Arahant, o perfeitamente Iluminado. Ele é a pessoa.

Monges, a morte de uma pessoa deve ser deplorada por todos. De que pessoa? De um Tathagata que é Arahant, o perfeitamente Iluminado. Ele é a pessoa.

Monges há uma pessoa que nasce no mundo e é incomparável e inigualável. Quem é essa pessoa? É um Tathagata que é Arahant, o perfeitamente Iluminado. Ele é a pessoa.

Monges, a manifestação de uma pessoa é a manifestação de uma poderosa visão, de uma poderosa luz, de um poderoso esplendor. De que pessoa? De um Tathagata que é Arahant, o perfeitamente Iluminado. Ele é esta pessoa. (Anguttara Nikaya 1-13).

A FUNDAÇÃO PARA A PROMOÇÃO DO BUDISMO E A DISTRIBUIÇÃO DE

“A DOUTRINA DE BUDA”

Falando-se da Fundação Para a Promoção do Budismo, não se deve esquecer deste ilustre homem de negócios e perfeito cavalheiro que é o Sr. Yehan Numata.

Há trinta anos atrás, estabeleceu uma indústria (Mitu-toyo Company) para a fabricação de instrumentos de precisão. Sempre teve a sólida convicção de que o sucesso de uma empresa está na dependência da harmoniosa associação entre o Céu, Terra e o Homem, e de que a perfeição da mente humana somente é alcançada pela bem equilibrada coordenação entre a sabedoria, compaixão e a coragem. Levado por esta convicção, não mede esforços para o aperfeiçoamento das técnicas industriais e para o desenvolvimento da mente humana.

A paz no mundo somente é possível, acredita ele, com a disciplina e perfeição da mente, o que se pode conseguir com o ensinamento deixado por Buda. Assim pensando, paralelamente à administração de sua empresa, empenhou-se, durante mais de trinta anos, em promover o desenvolvimento da música e a divulgação das pinturas e doutrina budistas.

Em dezembro de 1966, organizou, com seus fundos particulares, uma fundação dedicada à propagação do Budismo e à causa da paz mundial. Assim, a Fundação para a Promoção do Budismo iniciou-se como órgão público.

O que se tem feito para a difusão da Doutrina de Buda, para que todos possam se beneficiar com isso e se deliciar com a Luz de Sua Grande Sabedoria e Compaixão? Esta Fundação se propõe a buscar a solução deste problema, procurando satisfazer o desejo de seu fundador.

Em resumo, esta Fundação para a Promoção do Budismo empreenderá, de corpo e alma, todo esforço possível para a propagação do ensinamento de Buda.

Este livro “A Doutrina de Buda” é o resultado de nossa reflexão sobre a história da religião, neste país, onde dificilmente se encontrava algo escrito que se pudesse considerar um livro de ensinamento budista, interpretado à nossa maneira japonesa, embora considerássemos sempre a nossa cultura budista com grande orgulho.

Este livro servirá como alimento espiritual para todos quando lerem. Foi elaborado de tal maneira que cada um poderá deixá-lo sobre a mesa, carregá-lo no bolso e entrar em contato com a Luz espiritualmente viva.

É desejo da Fundação para a Promoção do Budismo ver, em dias não muitos distantes, este livro no maior número possível de lares, e ver a todos se deliciarem e banharem na luz do grande mestre.

Esta tradução brasileira foi possível graças ao esforço do Sr. Yehan Numata, que contou com a colaboração do Rev. Shinsho Sasaki, de S. Paulo. O trabalho de tradução foi feito

pelo prof. Jorge Anzai, de Suzano e a revisão final foi feita pelos Prof. Dr. Ricardo Mario Gonçalves, do Depto. de História da Universidade de São Paulo.